

2

O conceito de sublimação na obra de Freud

Em psicanálise, o conceito de sublimação foi originalmente proposto e desenvolvido no texto de Freud. Sua construção, no entanto, não rompeu completamente com os significados que os campos da química e da moral tradicionalmente já associavam à idéia de “sublimar”. Em química, a sublimação é compreendida como o processo de transformação da matéria do estado sólido diretamente para o estado gasoso. Já no âmbito da moral, “sublimar” está associado à idéia de purificação, de elevação à perfeição ou ainda de “*tornar-se sublime*” (PEREIRA, 2000a:103). A psicanálise, por sua vez, utiliza a noção de sublimação para designar as atividades humanas que, aparentemente, não estão relacionadas à sexualidade, mas cuja gênese só é possível a partir da pulsão sexual. Neste sentido, a sublimação estaria referida a uma mudança nos objetivos desta pulsão, que abandonaria seus objetos originais, de ordem sexual, para se ligar a outras metas, estas não-sexuais e socialmente valorizadas (LAPLANCHE, 1980). Nota-se, então, que na circunscrição psicanalítica do termo, a noção de sublimação conserva, em certa medida, sua associação com as idéias de “transformação” e de “sublime” anteriormente estabelecida por outras áreas de conhecimento.

Em Freud, a noção sublimação se faz bastante presente em textos que vão desde a correspondência com Fliess, ainda no século XIX, até 1938, em *Esboço de psicanálise* (FREUD, 1940[1938]). Contudo, apesar das significativas menções a este mecanismo psíquico, em momento algum Freud ofereceu à atividade sublimatória uma conceituação elaborada, o que, em certa medida, se apresenta como um obstáculo à sua adequada compreensão. Ao mesmo tempo, é curioso notar que nem a falta de uma robusta “costura metapsicológica” impede que, quando se trata da idéia de sublimação, “*todos [saibam] do que se está falando*” (PINHEIRO, 1999:12).

A falta do texto metapsicológico que abordaria exclusivamente um estudo sobre a sublimação é freqüentemente apontada como o principal empecilho à sintetização deste conceito em psicanálise (GARCIA, 1998). Entretanto, esta razão parece insuficiente para justificar o caráter lacunar desta noção, principalmente se considerarmos que Freud se destaca por ser um pesquisador

extremamente atento ao rigor e à precisão conceitual em sua produção. Então, a impossibilidade de se obter uma pujante circunscrição do conceito, mesmo com a articulação dos fragmentos oferecidos ao longo de diversos trabalhos de Freud, parece sugerir que a própria idéia de sublimação traz, em si, algumas imprecisões (GARCIA, 1998:76).

De modo geral, a noção de sublimação aparece sempre em segundo plano na obra de Freud, isto é, sustentando ou se opondo a algum outro tema que esteja sendo abordado de forma mais central. Trata-se, portanto, de uma noção à qual Freud recorre na demonstração de outros assuntos (PEREIRA, 2000b:122), o que, longe de minimizar a importância deste conceito, parece, ao contrário, apontar para um vigor heurístico que o caracteriza, apesar de sua inconsistência metapsicológica.

Diante desta perspectiva, Garcia (1998) chama atenção para três aspectos que merecem destaque quando se considera a construção do conceito de sublimação na obra freudiana. Em primeiro lugar, estaria a fragmentação e a dispersão de informações importantes à sua definição, ao longo de diferentes textos. Em segundo lugar, paradoxalmente, destaca-se o caráter de continuidade entre estes mesmos fragmentos, capaz de assegurar a possibilidade de reuni-los e articulá-los em um todo coerente. E, finalmente, o terceiro aspecto refere-se a advertências recorrentes de Freud contra os riscos de um possível excesso na atividade sublimatória (GARCIA, 1998:76). Parece, portanto, que apesar da dispersão dos comentários sobre a sublimação, é possível, mesmo assim, encontrar no texto de Freud uma definição do mecanismo sublimatório, sempre marcada por sua preocupação com os possíveis efeitos negativos de um eventual exagero sublimatório.

É no que tange aos fundamentos do mecanismo que possibilita a atividade sublimatória que verificamos as mais significativas transformações conceituais. Assim, de modo geral, é possível identificar na obra de Freud duas hipóteses a respeito dos processos psíquicos envolvidos na sublimação. A primeira delas ligada elementos teóricos como a noção de apoio, pulsões parciais, formações reativas e vias de influência recíproca, enquanto a segunda hipótese estaria associada ao narcisismo, à proposta de uma dessexualização da libido, às instâncias ideais e à identificação (PEREIRA, 1999; 2000a). Embora sejam

significativamente distintos, estes dois percursos teóricos não são excludentes e foram construídos de acordo com as mudanças verificadas no próprio desenvolvimento da teoria psicanalítica. Ainda assim, não há dúvidas de que esta amplitude da abordagem metapsicológica do conceito de sublimação se consolida como uma das grandes dificuldades inerentes à sua delimitação.

2.1

Marcas de origem, traços distintivos da sublimação

Mesmo toda a fragmentação que marca a construção da noção de sublimação no texto de Freud não impediu que este conceito se mantivesse ligado a determinadas características capazes de conferir certa coesão à sua definição teórica. Há, portanto, aspectos aos quais a sublimação foi associada desde suas primeiras utilizações em psicanálise, e que foram constantemente retomados e ratificados na obra freudiana. Seu caráter assexual, sua vinculação ao campo da cultura e a proteção que oferece aos sujeitos frente à intensidade própria da esfera sexual estrita poderiam, então, ser identificados como alguns destes aspectos que ajudaram a compor as primeiras definições da sublimação e que gradualmente foram se confirmando como traços distintivos deste conceito (GARCIA, 1998). Desta forma, já nas referências iniciais à sublimação encontramos as raízes destes elementos constituintes de sua delimitação em psicanálise.

O caráter assexual deste mecanismo psíquico pode, assim, ser identificado já na primeira utilização da palavra sublimação por Freud, em 1897, em uma carta a Fliess, ainda sem designar um conceito psicanalítico propriamente dito. Nesta correspondência, Freud recorre a este termo para se referir a fantasias trazidas à análise pelas históricas, descrevendo-as como “*estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamentos deles*”, que tentariam obstruir o caminho para lembranças de cenas primevas, de origem sexual (FREUD, 1950b[1892-1899]:341-343). Portanto, já em sua aparição inicial no texto de Freud, a idéia de sublimação foi associada a um afastamento com relação à esfera da sexualidade, característica esta que permaneceu vinculada à noção de sublimação, revelando-se como um dos pilares do conceito.

A compreensão da sublimação como um processo em que a energia psíquica originalmente vinculada à sexualidade é redirecionada para outros objetivos, de

natureza assexual, foi proposta já na definição inaugural do conceito em psicanálise, em *Fragmento da análise de um caso de histeria* (FREUD, 1905a[1901]:53-54), e também nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905b:224). Entretanto, foi apenas em 1908, com a publicação de *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna* (FREUD, 1908b) que a atividade sublimatória foi definida de forma mais consistente, como o processo através do qual a pulsão troca “*seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro*” (FREUD, 1908b:193). Esta descrição da transformação pulsional em curso na sublimação - que, por sua vez, tornou-se a definição clássica deste conceito em psicanálise¹ (FLOURNOY, 1965) - evidencia o caráter assexual da atividade sublimatória ao destacar o abandono do componente sexual da pulsão sublimada.

Em diferentes textos de Freud o afastamento com relação ao campo do sexual engendrado pelo processo de sublimação é reafirmado. Assim, em trabalhos de 1908 e 1914 encontramos a atividade sublimatória associada à idéia de uma “deflexão da sexualidade” (FREUD, 1908a:165; 1914a:111) e, da mesma forma, em 1923, a sublimação é definitivamente aproximada de uma “*dessexualização da libido*” (FREUD, 1923b:44). Parece, portanto, que o caráter assexual, de fato, é distintivo da atividade sublimatória em psicanálise.

Contribuindo para esta discussão, no contexto da primeira teoria pulsional, Laplanche (1980) sugere que a descrição da sublimação como um processo através do qual se verifica a perda do componente sexual da pulsão já aponta para o que seria, em sua opinião, um dos grandes impasses sobre este conceito em psicanálise. Isso porque, levado às últimas conseqüências, o abandono do caráter sexual da pulsão implicaria situar a sublimação e as produções que dela decorrem

¹Posteriormente, esta definição foi ampliada, de forma que a sublimação seria a vicissitude pulsional em que “*tanto o objeto quanto o objetivo são modificados*” (FREUD, 1923b[1922]:309). A introdução da questão do objeto que aqui se observa não foi comentada na obra freudiana - apenas reafirmada posteriormente, nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (FREUD, 1932:121)-, mas poderia propor reflexões importantes acerca desta noção já tão marcada por certos enigmas. Entretanto, como ressalta Laplanche (1980), o objeto já fora destacado por Freud como sendo o componente mais variável da pulsão (LAPLANCHE, 1980:21). Deste modo, a evidência de que a sublimação supõe também uma troca do objeto da pulsão não traria nada de novo, a não ser pelo fato de estar associada à troca do objetivo da pulsão, este sim elemento constitutivo da sublimação (LAPLANCHE, 1980).

(inclusive a cultura) exclusivamente no campo da auto-conservação. E, segundo o autor, esta seria uma visão excessivamente restritiva (LAPLANCHE, 1980:211)

Contudo, talvez seja possível abordar a questão da troca de metas da pulsão a partir de um outro ponto de vista. Neste sentido, ao invés de assumi-la como referente ao vasto campo da pulsão sexual - que, por sua vez, se oporia ao domínio da auto-conservação, *à la* Laplanche (1980) -, a sublimação designaria um processo de afastamento da sexualidade *stricto sensu*. Assim, Pinheiro (1999) propõe que ao se descrever a atividade sublimatória como um processo que implica um afastamento com relação à satisfação sexual, toma-se a sexualidade como “*algo que diz respeito a uma materialidade corporal, a um prazer de corpo e de fato observável no campo desta superfície corporal*” (PINHEIRO, 1999:13). Então, segundo esta hipótese, a sublimação permaneceria compreendida no campo da sexualidade *lato sensu*. Talvez possamos encontrar no próprio texto de Freud a confirmação de que o conceito de sublimação, neste segundo sentido, representa essencialmente um distanciamento do aspecto físico da sexualidade:

Uma satisfação deste tipo, como, por exemplo, a alegria do artista em criar, em dar corpo às suas fantasias, ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades, possui qualidade especial que, sem dúvida, um dia poderemos caracterizar em termos metapsicológicos. Atualmente, apenas de forma figurada podemos dizer que tais satisfações parecem ‘mais refinadas e mais altas’. Contudo, sua intensidade se revela muito tênue quando comparada com a que se origina da satisfação de impulsos grosseiros e primários; ela não convulsiona o nosso ser físico. (FREUD, 1930[1929]:98)

Assim, conservando-se no campo da sexualidade, a sublimação se confirma como um mecanismo que oferece outras formas de “*escoamento e emprego*” (FREUD, 1905b:224) das excitações sexuais, isto é, novas formas de satisfação da pulsão. A atividade sublimatória, ao possibilitar a troca do objetivo e do objeto pulsional, abre caminho, portanto, para uma realização sublimatória da pulsão sexual (CASTIEL, 2007:110).

Na obra freudiana, é em geral para o campo da cultura que as excitações de origem sexual são redirecionadas, em busca de outras formas de satisfação. Neste sentido, ganha evidência uma segunda característica que poderíamos identificar como uma marca de origem da atividade sublimatória, a saber, sua articulação com a esfera cultural. Já no caso Dora (FREUD, 1905a[1901]), a sublimação foi aproximada do alcance de objetivos mais elevados e mais valorizados, ao ser

definida como um mecanismo capaz de garantir a fonte de “*energia para um grande número de nossas realizações culturais*” (FREUD, 1905a[1901]:53-54). Também nos *Três ensaios* esta articulação é confirmada, mas foi de fato no texto de 1908 (FREUD, 1908b) que a relação entre a atividade sublimatória e a civilização foi pormenorizada pela primeira vez. Apresentada como um destino dado à pulsão sexual, alternativo ao recalque e à descarga sexual direta, desde 1905 (FREUD, 1905b:222-224), a sublimação seria a mais interessante alternativa disponível aos sujeitos frente à exigência civilizatória de supressão das pulsões (FREUD, 1908b). Assim, o processo de sublimação pulsional seria capaz de colocar “*à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia*” (FREUD, 1908b:193), consolidando-se como a via principal de constituição da cultura (GARCIA, 1998:79).

A importância deste mecanismo para a organização civilizatória volta a ser abordada em detalhes em *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1930[1929]), quando a sublimação é considerada “*um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada*” (FREUD, 1930[1929]:118). Assim, ao possibilitar a construção da cultura, oferecendo uma forma de satisfação pulsional compatível com as exigências sociais, a sublimação se revela como um mecanismo de especial importância para os seres humanos e, neste sentido, quando a atividade sublimatória é possível, “*o destino pouco pode fazer contra nós*” (FREUD, 1930[1929]:98). Com esta proposta apresentada no texto de 1930, reafirma-se aquele que seria um outro traço distintivo da sublimação, sua função protetora.

De fato, a sublimação aparece aproximada de uma idéia de proteção já na correspondência com Fliess, de 1897, relacionada à depuração e ao embelezamento dos fatos, como forma de atenuar o confronto com as fantasias sexuais (GARCIA, 1998:77). Também em Dora (FREUD, 1905a[1901]) e nos *Três ensaios* (FREUD, 1905b) a função protetora da sublimação pode ser percebida, uma vez que atividade sublimatória seria uma forma de proteger o sujeito contra a violência da livre manifestação das pulsões, que caracterizaria uma vida sexual perversa.

No artigo metapsicológico a respeito das pulsões (FREUD, 1915) a referência à proteção oferecida pela atividade sublimatória é, de certa forma, mais explicitada. A sublimação é então apresentada como um dos destinos “*que se contrapõem ao avanço das pulsões, o que nos permite tratar tais destinos como se fosse modos de defesa contra as pulsões*”. A sublimação seria, assim, uma forma de evitar a descarga sexual direta (FREUD, 1915:147).

A função protetora da sublimação estaria, assim, diretamente relacionada ao caráter assexual deste processo psíquico, uma vez que representaria uma alternativa à intensidade própria da esfera da sexualidade. Este afastamento com relação à esfera da sexualidade próprio da sublimação evidencia ainda uma outra importante possibilidade de proteção oferecida por este mecanismo, que estaria ligada à sua participação na construção da cultura. Considerando a proposta freudiana de um desamparo primordial do homem, a “*existência humana só é viável na cultura que garante sua continuidade histórica e possibilita seu avanço*” (GARCIA, 1998:79). Desta forma, a sublimação, enquanto processo fundamental para as realizações culturais, seria ainda uma resposta singular frente à condição de desamparo (GARCIA, 1998). Assim, quando, em 1930 (FREUD, 1930[1929]:98), a sublimação é identificada como uma das mais eficientes formas de alcance da felicidade, a atividade sublimatória tem sua função protetora atrelada ao seu caráter assexual e à sua vinculação com a cultura.

O aspecto protetor da atividade sublimatória é, contudo, uma característica controversa deste mecanismo psíquico porque, apesar de ter sido freqüentemente reafirmada por Freud, algumas observações acerca do processo sublimatório sugerem que esta função protetora só se faz possível frente a determinadas condições. Talvez o requisito mais necessário à manutenção do caráter protetor da atividade sublimatória esteja relacionado aos limites de sua realização (GARCIA, 1998). Neste sentido, em situações em que se verifica um abuso do processo sublimatório (FREUD, 1910a[1909]; 1912), o caráter protetor deste mecanismo parece ser anulado.

2.1.1 **Entre *solução conveniente* e *exploração abusiva*: a perspectiva clínica**

Relacionada ao alcance de metas culturais “*mais elevadas*” (FREUD, 1905a[1901]:53), além de se oferecer como uma forma de proteção aos sujeitos, a sublimação é repetidamente apresentada no texto freudiano como um destino pulsional de caráter bastante positivo. É neste sentido, inclusive, que em 1910 e 1912, em trabalhos que privilegiam discussões sobre a clínica, Freud sugere que a sublimação seria um desfecho interessante para uma análise (GARCIA, 1998). De acordo com esta proposta, este mecanismo psíquico poderia ser “*uma solução conveniente*” (FREUD, 1912:157) para lidar com as inclinações pulsionais liberadas pelo percurso analítico. Apesar disso, Freud enfatiza que o alcance da sublimação não deve ser tomado pelos analistas como uma meta a ser perseguida por uma análise. O primeiro obstáculo que se imporia a esta aspiração diz respeito ao fato de que nem todos os pacientes estariam aptos a realizá-la:

Nem todo neurótico possui grande talento para sublimação; pode-se presumir que muitos deles de modo algum teriam caído enfermos se possuíssem a arte de sublimar seus instintos. (FREUD, 1912:157)

Assim, quando de fato pudesse auxiliar no desenlace de um percurso analítico, a possibilidade de sublimar se evidenciaria espontaneamente, dispensando qualquer esforço no sentido de induzi-la. Contudo, caso a atividade sublimatória seja instigada além das possibilidades do sujeito, pode-se configurar uma situação bastante penosa, relacionada a um excesso sublimatório. Neste caso, outras formas de satisfação mais acessíveis poderiam ser preteridas na tentativa de se alcançar conquistas socialmente mais interessantes, tornando “*a vida [dos pacientes] ainda mais árdua do que a sentem ser, de qualquer modo*” (FREUD, 1912:158).

Os riscos trazidos por uma ampliação exagerada da atividade sublimatória, no entanto, não se restringem à esfera clínica e a existência de um limite à sublimação é recorrentemente assinalada por Freud (GARCIA, 1998). Em *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna* (FREUD, 1908b), Freud se apressa em destacar que a sublimação, apesar de se revelar interessante para os sujeitos e para a cultura, está submetida a limites. Para evitar prejuízos advindos do exagero

da atividade sublimatória, este destino pulsional precisa ser acompanhado também de certa quantidade de satisfação sexual direta, o que reforça o caráter complementar destas duas finalidades (FREUD, 1908b; GARCIA, 1998). Assim, se realizada em excesso, a sublimação pode se configurar como uma “*exploração abusiva*” (FREUD, 1910a[1909]:50), caso interfira com a satisfação sexual direta, uma vez que ambas seriam igualmente essenciais a um funcionamento psíquico dito satisfatório. Freud ressalta:

A plasticidade dos componentes sexuais, manifesta na capacidade de sublimarem-se pode ser uma grande tentação a conquistarmos maiores frutos para a sociedade por intermédio da sublimação contínua e cada vez mais intensa. Mas assim como não contamos transformar em trabalho senão parte do calor empregado em nossas máquinas, de igual modo não devemos esforçar-nos em desviar a totalidade da energia do instinto sexual da sua finalidade própria. Nem o conseguiremos. E se o cerceamento da sexualidade for exagerado, trará consigo todos os danos duma exploração abusiva. (FREUD, 1910a[1909]:50)

Neste sentido, em situações em que ocorra uma indução abusiva à atividade sublimatória, embora o caráter assexual e o vínculo deste mecanismo com a esfera cultural permaneçam bastante evidentes, parece que a função de proteção para o sujeito comumente associada à sublimação é minimizada (GARCIA, 1998). Evidentemente, um excesso desta espécie não corresponde ao que se busca alcançar através de um percurso analítico. Assim, Freud destaca que, apesar de serem louváveis os esforços por alcançar a sublimação pulsional, em uma análise é preciso que se trabalhe dentro das possibilidades do próprio paciente. Neste sentido, ressalta-se que “*como médico, tem-se acima de tudo de ser tolerante com a fraqueza do paciente, e contentar-se em ter reconquistado certo grau de capacidade de trabalho e divertimento para uma pessoa mesmo de valor moderado*” (FREUD, 1912:158).

Os riscos relacionados a um eventual excesso sublimatório não invalidam, contudo, os benefícios subjetivos trazidos pela sublimação e, por esta razão, a importância deste mecanismo para a clínica não é jamais recusada por Freud. É neste sentido, portanto, que em *Esboço de psicanálise* (FREUD, 1940[1938]:209) a capacidade do paciente de sublimar suas pulsões é descrita como tendo um grande papel no desfecho de uma análise, o que parece confirmar que os destinos culturais afastados da sexualidade estrita que a sublimação oferece às forças

libidinais podem, de fato, se constituir como uma interessante forma de proteção aos sujeitos.

2.2

A sublimação no contexto da 1ª tópica: *Três ensaios e Leonardo*

Os elementos que caracterizam o conceito de sublimação, conferindo-lhe certa especificidade podem, de fato, ser reconhecidos a partir de diversas proposições sobre a atividade sublimatória apresentadas por Freud ao longo de seus textos. Entretanto, se examinados separadamente, cada um destes fragmentos teóricos em que a sublimação é pensada psicanaliticamente revela que, ainda que possua tais traços distintivos, este mecanismo psíquico foi abordado de formas bastante distintas no que diz respeito ao seu funcionamento. Assim, no percurso do pensamento freudiano, a atividade sublimatória foi aproximada de diferentes propostas teóricas, o que acabou por conferir ao conceito riqueza teórica e complexidade inegáveis. Desta forma, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905b) e *Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância* (FREUD, 1910b) revelam-se como trabalhos importantes para compreensão da maneira como a sublimação foi inicialmente concebida no contexto da primeira tópica, à luz da primeira teoria pulsional e aproximada de noções como as de apoio, vias de influência recíproca e formação reativa (PEREIRA, 2000b).

Em *Três ensaios* (FREUD, 1905b) encontramos não apenas as definições básicas da sublimação, como também as primeiras discussões teóricas mais pormenorizadas envolvendo este conceito. Logo no primeiro ensaio - dedicado à questão das aberrações sexuais -, a sublimação é associada a alvos sexuais provisórios, que ganham evidência frente a condições que adiam ou mesmo impedem a realização da atividade sexual dita normal (FREUD, 1905b:146). A obtenção de prazer através destas metas transitórias está em certa medida, compreendida no processo sexual regular, servindo como antecipação ao ato sexual. Contudo, uma demora exagerada nestes propósitos provisórios pode ocasionar uma fixação, de modo que a consecução do alvo sexual normal é efetivamente substituída pela obtenção de prazer por estas vias, o que caracterizaria uma perversão. Entre os atos preliminares que poderiam, eventualmente, dar origem a uma fixação desta espécie, estaria o prazer em olhar

(escopofilia) que, frente à exigência civilizatória de ocultação do corpo, consiste na insistência em visualizar o objeto sexual integralmente, desejando a revelação das partes ocultas, que freqüentemente correspondem aos genitais (FREUD, 1905b:147). Contudo, destaca Freud, não necessariamente uma intensificação do ato escopofílico levaria à constituição de uma perversão, pois a curiosidade inicialmente dirigida aos genitais pode ser sublimada, transformando-se em um interesse visual pela imagem do corpo como um todo, podendo encontrar na arte outras formas de satisfação. Desta forma, parte da libido inicialmente destinada ao prazer de ver (escopofilia) poderia ser desviada para um alvo mais elevado, como as atividades artísticas (FREUD, 1905b). Desta forma, a sublimação estabelece um laço significativo e duradouro com o sentido da visão, o que reaparece posteriormente no texto sobre Leonardo.

A atividade sublimatória é examinada em diferentes momentos dos *Três ensaios*, mas é em especial no ensaio a respeito da sexualidade infantil que encontramos mais evidentemente a consolidação dos aspectos que se revelariam essenciais a este mecanismo. A sublimação é então descrita como um desvio das metas sexuais para outros fins, ligados a realizações culturais, contudo a ênfase, agora, recai sobre seu papel durante o período de latência. Nesta etapa do desenvolvimento da pulsão sexual, a sexualidade ainda não se acha pronta para a reprodução e encontra-se espalhada pelas diversas zonas erógenas, ainda sem possibilidade de se organizar sob o primado dos genitais, o que colabora para que permaneça em estado de latência. Durante esta fase, no entanto, o afluxo das pulsões sexuais não cessa, sendo necessário, assim, que a energia pulsional ganhe novos destinos. Neste momento, a sublimação, descrita como um desvio total ou parcial destas forças para novas metas que colaborem para realizações culturais (FREUD, 1905b:166), é apresentada como o mecanismo primordial em curso durante o período de latência e é destacada a importância dos diques psíquicos (asco, vergonha, moral) como formações reativas aptas a conter a livre satisfação da sexualidade infantil. Sublimação e formação reativa encontram-se aqui vinculadas na função de defesa, o que é explicitado em uma nota de rodapé acrescentada ao texto em 1915:

[Nota] No caso aqui discutido, a sublimação das forças pulsionais sexuais efetua-se pelo caminho da formação reativa. Em geral, no entanto, pode-se

distinguir a sublimação e a formação reativa como dois processos conceitualmente diferentes. A sublimação também pode dar-se por outros mecanismos mais simples (FREUD, 1905b:167)

Segundo Mellor-Picaut (1983), apenas após a publicação de *Sobre narcisismo: uma introdução* (FREUD, 1914a) Freud pôde afirmar a diferença entre estes dois processos, uma vez que, só a partir de 1914, novos elementos ampliaram a compreensão acerca do mecanismo sublimatório.

Há ainda um último aspecto ao qual Freud associa a atividade sublimatória nos *Três ensaios*. Trata-se de uma curta e imprecisa observação sobre as vias de influência recíproca, que se respalda essencialmente na idéia de apoio. Neste sentido, sugere Freud que se a emergência da pulsão sexual se dá através de vias que partem de atividades biológicas de ordem não-sexual para chegar à sexualidade, possivelmente estes mesmo caminhos poderiam ser percorridos na direção oposta. Em outras palavras, de acordo com esta proposta, através das chamadas vias de influência recíproca, a pulsão sexual poderia encontrar formas de se manifestar em funções não-sexuais. A existência destas vias explicaria grande parte dos sintomas neuróticos, nos quais uma perturbação na sexualidade implica prejuízos a funções não-sexuais - como nos casos de cegueira histórica (FREUD, 1905b:193-4). Neste contexto, emerge a questão de se também a sublimação não poderia ocorrer desta forma, de modo que a atração da pulsão sexual para alvos não-sexuais que se verifica na sublimação se valeria exatamente destas vias de influência recíproca (FREUD, 1905b:194). Contudo, o próprio autor reconhece o caráter enigmático e, até aquele momento, pouco explorado destas investigações que não avançam tanto nas reflexões acerca da noção de sublimação. Apesar disso, Laplanche (1980) entende que na descrição destas vias de influência recíproca está presente o elemento mais fundamental do mecanismo da sublimação, a saber, a articulação entre os planos do sexual e do não-sexual, compreendidos a partir do modelo do apoio (LAPLANCHE, 1980:56).

Ainda no âmbito da primeira tópica, é consenso entre os estudiosos da sublimação que o trabalho publicado por Freud em 1910, sobre Leonardo Da Vinci, é uma peça fundamental no percurso de construção deste conceito. Nele encontramos considerações a respeito da atividade sublimatória ancoradas em dois aspectos fundamentais: a pulsão de saber e a investigação sexual infantil (PEREIRA, 1999; 2000a). Em um acréscimo feito em 1915 aos *Três ensaios*,

esses dois aspectos são discutidos (FREUD, 1905b[1915]:182). A pulsão de saber é então apresentada como passível de ser decomposta em pelo menos dois componentes elementares. O primeiro deles seria um modo sublimado da pulsão de dominação que, embora seja originariamente de ordem não sexual - pertencente à esfera da auto-conservação, portanto (FREUD, 1905b[1915]:149) -, pode ser sublimada graças à relação de apoio estabelecida com componentes da pulsão sexual² (LAPLANCHE, 1980:81-83; PEREIRA, 1999:34). Já o segundo componente da pulsão de saber seria a pulsão de ver, descrita como uma pulsão parcial, mas que também implicaria em um movimento de apoio, uma vez que a atividade visual congrega aspectos ligados tanto à sexualidade quanto à auto-conservação (MEZAN, 2001). Por outro lado, no que tange à investigação sexual infantil, já desde 1905 (FREUD, 1905b) e, posteriormente, em 1909 (FREUD, 1909), Freud propõe que esta se refere à atividade de formulação, por parte das crianças, de teorias que dêem conta dos mistérios e enigmas sexuais com os quais se deparam desde muito cedo, tais como a questão da diferença entre os sexos, a origem dos bebês e a natureza da relação sexual.

Ainda no trecho tardiamente incluído nos *Três ensaios* (FREUD, 1905b[1915]) encontramos uma afirmativa que evidencia a intrínseca relação existente entre esses dois aspectos que fundamentariam a atividade sublimatória de Leonardo:

... na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez até seja despertada por eles (FREUD, 1905b[1915]:182).

Esta consideração se revela bastante congruente com as hipóteses apresentadas no trabalho de 1910, segundo as quais, em sua infância, Leonardo teria experimentado uma intensa excitação das pulsões de ver e de saber, o que contribuiu para uma exacerbada atividade de pesquisas sexuais infantis e, conseqüentemente, elevou o nível de excitação do menino (FREUD, 1910b:119). Esta intensificação da sexualidade infantil de Leonardo também estaria relacionada a vicissitudes da história precoce do artista, entre as quais se

² Laplanche (1980) destaca que esta relação de apoio ocorreria nos mesmos moldes que, em 1905, se supunha fundamentar a organização sado-masoquista, na qual a pulsão de dominação, mesclada à pulsão sexual, assumiria grande relevância (LAPLANCHE, 1980; FREUD, 1905b:148-149).

destacavam a ausência do pai durante seus primeiros anos e a ternura excessiva por parte de sua mãe. Com a emergência da puberdade, no entanto, estas exacerbações da infância enfrentaram uma barreira de recalque que culminou no “*afastamento de toda atividade sexual grosseira*” (FREUD, 1910b:120). Entretanto, ao contrário do que se poderia supor, e que aconteceria à maioria dos sujeitos que enfrentassem tais caminhos no desenvolvimento de sua libido, Leonardo não adoeceu frente a estes impedimentos colocados à sexualidade graças a configurações de sua sexualidade infantil:

Devido à sua tendência muito precoce para a curiosidade sexual, a maior parte das necessidades de seu instinto sexual puderam ser sublimadas numa ânsia geral de saber, escapando assim à repressão. (FREUD, 1910b:120)

Confirmando o caráter complementar e alternativo da relação entre sublimação e recalque na organização psíquica, a destacada facilidade de acesso a este segundo destino pulsional com que contou Leonardo evitou o estabelecimento de uma neurose. Então, a privilegiada disposição à atividade sublimatória, embora estivesse ligada a talentos específicos do jovem artista, foi em grande parte vivificada pela exacerbação da pulsão de ver ainda em sua infância, confirmando a associação entre sublimação e a pulsão escopofílica assinalada por Freud já em 1905 (FREUD, 1905b:147).

É neste contexto de discussão que são, então, apresentados os três destinos possíveis para a curiosidade infantil: a inibição neurótica, a erotização do pensamento com a produção de sintomas obsessivos e, finalmente, a sublimação. A atividade de pesquisa da infância de Leonardo, assim, teria seguido pelo terceiro caminho, escapando “*ao destino da repressão sendo sublimada desde o começo em curiosidade e ligando-se ao poderoso instinto de pesquisa como forma de se fortalecer*” (FREUD, 1910b:74).

Contudo, é ainda na própria história de Leonardo Da Vinci que encontramos evidências de que “*a repressão quase total de uma vida sexual real não oferece as condições mais favoráveis para o exercício das tendências sexuais sublimadas*”, pois a esfera da sexualidade termina por se impor (FREUD, 1910b:120). Tendo a criação artística como “*válvula de escape*” do sexual desde sua entrada na puberdade, Leonardo não tardou a enfrentar uma inibição que acabou por comprometer severamente sua produção pictórica. Entretanto, a libido sexual

insatisfeita que possivelmente emergiria como sintoma frente à falência da atividade artística foi redirecionada para uma nova sublimação, descrita por Freud como sendo ainda mais antiga e cujas raízes estariam mesmo em características da primeira infância (FREUD, 1910b:121). Assim, aos poucos, o talentoso artista foi se transformando em ávido pesquisador. Segundo Pereira (1999), esta mudança se justifica, uma vez que as atividades científicas se mostravam mais apuradas e refinadas e, por isso, mais afastadas do que a pintura da esfera pulsional, que precisava ser evitada (PEREIRA, 1999:32). No entanto, se, por um lado, “*Leonardo representava a fria rejeição da sexualidade*” (FREUD, 1910b:64), por outro, mesmo na atividade científica mais ascética, era possível identificar marcas indeléveis de sua origem sexual, inclusive em função da maneira insaciável e infatigável com que investigava (FREUD, 1910b:121).

Apesar das diferenças entre os dois tipos de produção empreendidos por Leonardo em distintos momentos de sua vida serem inequívocas, Laplanche (1980) identifica um aspecto em comum às atividades de pintor e de cientista: em ambos os casos, a pulsão de ver permanece em evidência (LAPLANCHE, 1980:85). Assim como a atividade pictórica, também as investigações intelectuais de Leonardo trazem em si um aspecto notoriamente visual e representacional, evidenciado pelo caráter maquínico dos esboços e esquemas de seus projetos. Referindo-se à relação estreita entre a pulsão de ver e a atividade sublimatória – mecanismo que, em última análise, viabiliza tanto a pintura quanto a pesquisa (FREUD, 1910b:121; LAPLANCHE, 1980) – Laplanche (1980) conclui que Leonardo nunca foi capaz de se libertar da visão (p.85).

Da mesma forma que as apresentações peculiares do recalque e da sublimação foram decisivas para o encaminhamento dado às moções pulsionais em Leonardo, haveria ainda um terceiro fator que se revela de extrema importância para sua organização psíquica, a saber, uma fixação ligada à natureza de sua relação com sua mãe (FREUD, 1910b:120). De fato, Freud sugere que a intensa ligação erótica estabelecida com a figura materna de sua primeira infância o levou a uma saída identificatória que culminou em uma escolha narcísica de objeto:

O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a quem devem assemelhar-se

os novos objetos de seu amor. Desta forma, ele transformou-se num homossexual. (FREUD, 1910b:92).

Foi, então, o amor do menino Leonardo por sua mãe a parcela libidinal não encaminhada para sublimação que permaneceu ligada a fins sexuais, ainda que de forma atrofiada, sob domínio do recalque (FREUD, 1910b:120). Esta fixação inconsciente permaneceu preservada no inconsciente, mas, posteriormente, foi capaz de interferir na organização libidinal construída no início da puberdade, exigindo uma nova configuração que tornou o artista um pesquisador (FREUD, 1910b: 120-121).

No texto sobre Leonardo, portanto, a sublimação é efetivamente articulada às noções teóricas próprias do contexto da primeira tópica e da primeira teoria pulsional, sendo pensada a partir das relações estabelecidas entre as esferas do sexual e do não-sexual, através da noção de apoio e dos destinos dados à sexualidade. Entretanto, a atividade sublimatória, em certa medida, também parece ser aproximada neste texto de formulações teóricas envolvendo a homossexualidade, a identificação e o narcisismo. De fato, as considerações mais significativas sobre a sublimação apresentadas após 1910 foram trazidas em 1914, no texto sobre o narcisismo, quando novas hipóteses começaram a ser propostas acerca deste mecanismo psíquico.

2.3

A transição de 1914: sublimação não é idealização

No artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução* (FREUD, 1914a) as considerações acerca da sublimação acompanham o desenvolvimento que Freud oferece a respeito das instâncias ideais. De acordo com as propostas trazidas neste trabalho, o ideal seria a formação para a qual se deslocaria o amor por si mesmo anteriormente experimentado pelo eu real da infância. Impedido de seguir usufruindo plenamente da perfeição e da completude que caracterizam o eu infantil, a criança dirige o amor por si para a formação do ideal, estabelecendo, assim, num primeiro movimento, seu eu-ideal (FREUD, 1914a:111).

Sugerindo que haja certa confusão na diferenciação entre o processo de formação dos ideais e a sublimação, Freud (1914a) procura deixar claras as diferenças entre estes dois mecanismos psíquicos. Assim, primeiramente, enfatiza que a sublimação se dá em relação ao plano pulsional e envolve exclusivamente a

libido objetal, consistindo, em última análise, em uma troca de meta da pulsão que passa, então, a buscar sua satisfação através de objetivos afastados da esfera sexual estrita. A formação de um ideal, por sua vez, ocorrendo a partir do mecanismo de idealização, pode se dar tanto na esfera da libido objetal quanto da libido do eu, mas seu mecanismo, diferentemente do que ocorre com a sublimação, incide sobre o objeto, e não sobre a pulsão. A idealização, assim, refere-se à exaltação e à valorização psíquica do objeto, sem, no entanto, resultar em uma transformação de fato em sua natureza (FREUD, 1914a:111). No que diz respeito à relação entre ambos, Freud enfatiza que, embora apresentem destinos diferentes, os mecanismos de formação de um ideal e de sublimação das pulsões podem operar de forma articulada:

Aquele que trocou seu narcisismo pela veneração de um ideal-do-eu elevado não conseguiu necessariamente sublimar suas pulsões libidinais. Embora para ser alcançado o ideal-de-eu requeira tal sublimação, ele não pode forçá-la. A sublimação continua sendo um processo especial, e ainda que, de início, possa ser motivado pelo ideal, a ocorrência ou não da sublimação independe dessa motivação (FREUD, 1914b:113).

A formação do ideal, ao elevar as exigências colocadas ao eu, oferece novos obstáculos à satisfação narcísica e, neste contexto, a sublimação se apresenta como uma das formas através da qual é possível obter a satisfação exigida pelo ideal. Contudo, ela não se impõe. Assim, quando a instância ideal aumenta as exigências ao eu exageradamente, ela acaba por favorecer o estabelecimento do recalque e não da sublimação (FREUD, 1914a).

Mellor-Picaut, em seu artigo *Idéalisation et sublimation* (1983), destaca que a partir do trabalho sobre o narcisismo a sublimação deixa de ser pensada exclusivamente como um destino pulsional para ser considerada, de forma mais ampla, um processo intrapulsional, tanto do ponto de vista topográfico quanto descritivo, e destaca:

A distinção entre libido do eu e libido de objeto é, então, o que determina as modalidades típicas da derivação sublimatória em direção a objetivos e objetos específicos; ela dá conta, no plano econômico, do *quantum* de descarga pulsional que pode atingir uma pulsão sublimada³ (MELLOR-PICAUT, 1983:131). Minha tradução.

³ Trecho original: “*La distinction entre libido du moi et libido d’object est alors ce qui conditionne les modalités topiques de la dérivation sublimatoire vers des buts et des objets*”

Assim, no texto sobre o narcisismo a atividade sublimatória é pela primeira vez descrita do ponto de vista metapsicológico. Ao mesmo tempo, segundo a autora, o trabalho de 1914 não traz maiores acréscimos à definição do conceito, pois apenas confirma a atividade sublimatória como o mecanismo no qual a meta original da pulsão, de ordem sexual, é trocada por outra, distanciada da primeira (MELLOR-PICAUT, 1983:134). Desta forma, mesmo com os novos esclarecimentos sobre seu funcionamento, a sublimação apenas permaneceu aproximada da idéia de um afastamento dos objetivos sexuais diretos, sem ser especificada em seu mecanismo. É neste sentido, inclusive, que Freud afirma: “*a tônica recai na deflexão da sexualidade*”⁴ (FREUD, 1914a:111). Trata-se, ainda assim, de um artigo de extrema relevância para o estudo acerca da atividade sublimatória, uma vez que a hipótese do narcisismo e da diferenciação entre libido objetal e libido narcísica, bem como a aproximação entre a sublimação e as instâncias ideais são elementos essenciais à discussão proposta no artigo de 1923, *O ego e o id* (FREUD, 1923b), no qual o conceito de sublimação é efetivamente abordado de forma bastante original.

2.4

A sublimação no contexto da 2ª tópica: *O ego e o id e Mal-estar*

Em 1923, com a publicação de *O ego e o id* (FREUD, 1923b), o conceito de sublimação ganhou novos contornos teóricos, uma vez que seu mecanismo psíquico foi finalmente descrito e discutido de forma bastante específica. Neste texto, a atividade sublimatória foi apresentada no contexto da segunda tópica, se revelando, assim, um processo importante nas relações estabelecidas entre o eu, o isso e o supereu. Estas novas considerações a respeito da sublimação se fundamentam na proposta do narcisismo, a partir da qual a atividade sublimatória

spécifiques; elle rend compte, sur le plan économique, du quantum de décharge pulsionelle que peut atteindre une pulsion sublimée” (MELLOR-PICAUT, 1983:131).

⁴ Ainda no trabalho de 1914, em um comentário crítico à publicação em que Jung questiona a teoria da libido proposta por Freud, há uma breve menção à sublimação, na qual esta é proposta como um mecanismo através do qual afasta-se inteiramente o interesse sexual por seres humanos “(mas só no sentido popular da palavra ‘sexual’)” (FREUD, 1914:97), sublimando-o em interesses religiosos ou mesmo ligados à natureza e a animais. Aqui, portanto, a atividade sublimatória é mais uma vez enfatizada como um desvio com relação à satisfação sexual direta, mantendo sua pertinência ao campo do sexual.

foi articulada com as categorias conceituais de dessexualização da libido, identificação e desfusão pulsional.

A rigor, a idéia de uma dessexualização está ligada à noção de sublimação desde suas primeiras utilizações em psicanálise (FREUD, 1950b[1892-1899]; 1905a[1901]; 1905b; 1908a; 1908b). Afinal, trata-se de um desvio da pulsão de um alvo sexual para alvos não sexuais e, portanto, parece apropriado destacar a perda do caráter sexual da pulsão - ou ao menos de seus objetivos (FERRAZ, 2000) - durante este processo. No entanto, a emergência da segunda tópica permitiu um maior desenvolvimento da idéia de dessexualização da libido, oferecendo novos elementos que ajudam a compreender a perda do caráter sexual estrito que se observa nas pulsões sublimadas. Neste sentido, em 1923, a dessexualização é apresentada como característica das formas de relação estabelecidas entre o eu e o isso:

Quando o ego assume as características do objeto [pela identificação], ele está forçando-se, por assim dizer, ao id como um objeto de amor e tentando compensar a perda do id dizendo: ‘Olha, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto’. A transformação da libido do objeto em libido narcísica, que assim se efetua, obviamente implica um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização – uma espécie de sublimação, portanto. (FREUD, 1923b:44)

O modelo que havia sido apresentado em *Luto e melancolia* (FREUD, 1917[1915]) é, então, utilizado para descrever as relações estabelecidas entre o eu e o isso. Assim, o eu pode obter certo controle sobre o isso colocando-se no lugar do objeto desejado, através de identificações e esta volta da libido sobre o próprio eu promoveria uma dessexualização. Com isso, utilizando elementos já apresentados nos textos de 1914 e 1917, Freud supõe que, a partir do momento em que a libido passa a tomar o próprio eu, identificado com o objeto, como objeto de investimento, verifica-se transformação dos objetivos da pulsão em alvos não sexuais, uma renúncia das metas sexuais diretas ou, em outras palavras, uma dessexualização - aqui considerada como uma sublimação (FREUD, 1923b). Surge, então, a questão de saber se esta via pela qual se dá a mudança do alvo pulsional, que passa de libido objetal a libido narcísica graças à ação do eu no processo de identificação não seria o “*caminho universal à sublimação*” (FREUD, 1923b:44). Ao mesmo tempo, Freud também alerta para a possibilidade de esta

mudança da libido objetal em libido narcísica realizada pela instância egóica “*ocasionar uma desfusão dos diversos instintos que se acham fundidos*” (FREUD, 1923b:45).

Mais adiante no texto, a sublimação volta a ser abordada nas considerações a respeito das relações estabelecidas entre as instâncias psíquicas e as pulsões de vida e de morte. É então apresentada a hipótese de haver uma energia neutra e deslocável, passível de ser utilizada em diferentes investimentos psíquicos, sejam eles de origem erótica ou destrutiva. Esta energia seria procedente do estoque narcísico de libido, ou seja, seria “*Eros dessexualizado*” (FREUD, 1923b:60) e, apesar de ter sofrido uma dessexualização, isto é, de ter sido dirigida ao eu através das identificações, permaneceria compreendida no domínio da pulsão de vida:

Se essa energia deslocável é libido dessexualizada, ela também pode ser descrita como energia sublimada, pois ainda reteria a finalidade principal de Eros – a de unir e ligar – na medida em que auxilia no sentido de estabelecer a unidade ou a tendência à unidade, que é particularmente característica do ego. (FREUD, 1923b:61)

Apesar de a energia sublimada ser tão claramente associada a Eros, o processo que leva à dessexualização da libido coloca um impasse na relação do eu com as pulsões de vida e de morte. Isso porque, ao tentar estabelecer algum controle sobre o isso através das identificações, o eu alinha-se aos objetivos da pulsão de morte, uma vez que “*apoderando-se assim das catexias de objeto, erigindo-se em objeto amoroso único, e dessexualizando ou sublimando a libido do id, o ego está trabalhando em oposição aos objetivos de Eros*” (FREUD, 1923b:61). A hipótese de a atividade sublimatória acarretar uma desfusão das pulsões é, então, retomada e se revela estreitamente associada ao funcionamento egóico.

Mellor-Picaut (1983) destaca que em *O ego e o id* (FREUD, 1923b) são descritas duas operações paralelas que estariam ligadas à atividade sublimatória: uma delas seria a transformação da libido objetal em libido narcísica, enquanto a outra seria a sublimação propriamente dita (MELLOR-PICAUT, 1983:135). Contudo, estes processos são apresentados de forma tão articulada que, em certa medida, se torna difícil compreender os limites entre eles. Assim, verifica-se que a transformação que leva à narcicização da libido implica uma “espécie de

sublimação” (FREUD, 1923b:44), ao mesmo tempo em que, para ocorrer, a sublimação precisa que a transformação da libido objetal em libido narcísica tenha sido efetuada anteriormente, de forma que a pulsão, tendo abandonado seus investimentos objetais, esteja agora ligada ao eu e disponível para ser sublimada (MELLOR-PICAUT, 1983:135). O impasse teórico daí resultante só pode ser esclarecido uma vez que se considere que, em última análise, estão em jogo dois usos distintos da noção de sublimação (MELLOR-PICAUT, 1983:135). O primeiro deles seria um emprego menos rigoroso do termo, no qual se enfatiza o abandono das metas sexuais da pulsão, permitindo aproximar imediatamente as noções de dessexualização e sublimação. É neste sentido, inclusive, que a idéia de sublimação é evocada tanto na descrição das relações entre o eu e o isso quanto na proposta de uma energia neutra, “sublimada”: trata-se, essencialmente, de uma perda do componente sexual próprio dos investimentos objetais da libido.

Já na segunda forma de se pensar, a sublimação é tomada em sua especificidade enquanto processo psíquico, considerando o mecanismo que possibilita sua realização e a busca por novos objetos para as pulsões sublimadas. Assim, é esta segunda forma de aplicação do termo que estaria em questão quando Freud indaga “*se toda a sublimação não se efetua através da mediação do ego, que começa por transformar a libido objetal sexual em libido narcísica e, depois talvez, passa a fornecer-lhe outro objetivo*” (FREUD, 1923b:44). Desta forma, considerada em sua particularidade, a sublimação se revela estreitamente vinculada à identificação que, por sua vez, é o mecanismo que permite que as pulsões sublimadas se liguem, primeiramente, ao eu para, posteriormente, se ligarem a outros objetos (MELLOR-PICAUT, 1983:135). Mellor-Picaut (1983) então sugere que é precisamente esta associação à identificação que, em 1923, confere à sublimação uma especificidade teórica, permitindo uma descrição deste processo em mais detalhes, como não havia sido possível anteriormente:

A fonte pulsional é constituída pela libido do eu, o objeto se liga aos objetos de identificação no eu e a meta é dessexualizada uma vez que o ‘*être comme*’ substitui as moções primitivas de amor (MELLOR-PICAUT, 1983:135)⁵. Minha tradução.

⁵ Trecho original: “*La source pulsionelle est constituée par la libido du Moi, l’objet se rattache aux objets d’identification à l’intérieur du Moi et le but est bien dessexualisé puisque le ‘être comme’ est venu remplacer la motion primitive d’amour*” (MELLOR-PICAUT, 1983:135).

O processo que leva à sublimação requer uma transformação da libido objetal em libido narcísica, o que se faz possível através da identificação realizada pelo eu. É justamente esta ênfase na identificação que aponta para a relevância da des fusão já que “*quando uma transformação desse tipo se efetua, ocorre ao mesmo tempo uma des fusão instintual*” (FREUD, 1923b:71). Assim, uma vez confirmada a importância da ação do eu e do mecanismo de identificação no processo de sublimatório, ganha evidência também a possibilidade de a sublimação implicar uma des fusão pulsional, visto que após ser sublimado, o componente erótico da pulsão já não teria força para manter-se atrelado à agressividade que antes estava ligada a ele.

Os desdobramentos dados à des fusão pulsional ocasionada pela sublimação encontram-se, por sua vez, estreitamente vinculados à atividade do eu:

Para com as duas classes de instintos, a atitude do ego não é imparcial. Mediante seu trabalho de identificação e sublimação, ele ajuda os instintos de morte do id a obterem controle sobre a libido, mas assim procedendo, corre o risco de tornar-se objeto dos instintos de morte e de ele próprio perecer. A fim de poder ajudar desta maneira, ele teve que acumular libido dentro de si; tornar-se assim o representante de Eros e, doravante, quer viver e ser amado. (FREUD, 1923b:73)

Segundo Pereira (2000a), destaca-se, assim, que a capacidade de sublimação mantém uma estreita vinculação com as dimensões do eu. Neste sentido, quanto mais ampliado e consistente for o eu, mais libido ele terá disponível para ligar excedentes pulsionais que se desintrincam com a sublimação (PEREIRA, 2000a:115). Em outras palavras, uma vez estabelecida a atividade sublimatória, será a dimensão egóica o elemento que determinará os destinos tomados pelas pulsões desfusionadas neste processo. Neste sentido, podemos compreender que uma organização egóica consistente em sua estrutura será capaz de realizar a atividade sublimatória da forma mais desejada, ligando os excedentes pulsionais desintrincados e encaminhando-os a novas metas culturais. De outro modo, se for excessivamente ameaçado pela crueldade do supereu ou mesmo pela intensidade das moções do isso que tenta controlar, o eu será diminuído em suas dimensões, precisando escapar aos ataques e, por isso, estaria menos disponível para oferecer novos destinos às pulsões (PEREIRA, 2000a:115).

Assim, em 1923 o funcionamento do mecanismo sublimatório é descrito de forma detalhada, sendo vinculado às identificações e, conseqüentemente, à possibilidade de uma desfunção pulsional. Frente à desintração das pulsões após a sublimação, portanto, caberia à instância egóica o destino das pulsões agora desfuncionadas. Neste sentido, fica claro que “*o processo de sublimação mostra-se como possuindo um ténue equilíbrio*” (PEREIRA, 2000a:116), sendo o eu um elemento fundamental na manutenção deste balanceamento.

2.5

Sublimação, uma forma de proteção contra o desamparo

Uma das últimas reflexões mais extensas oferecidas por Freud a respeito da sublimação está presente em *O mal-estar da civilização* (FREUD, 1930[1929]), no qual a discussão a respeito deste destino pulsional privilegia a esfera cultural. É nesta perspectiva, portanto, que Freud (1930[1929]) destaca a sublimação como uma das técnicas das quais a humanidade poderia dispor para minimizar o inevitável sofrimento causado pelo mundo externo. Através da possibilidade de reorientação da libido de seus objetivos iniciais para outros mais adequados à vida comunitária, isto é, através da sublimação, os homens teriam inventado formas de domínio das forças da natureza, o que lhes garantiria certo controle sobre uma das maiores fontes de seus infortúnios (FREUD, 1930[1929]:98). Assim, a necessidade de realização de atividades que assegurassem proteção contra o ambiente externo teria consolidado o trabalho, viabilizado pela sublimação, como um dos pilares da civilização (FREUD, 1930[1929]:121). Contribuindo desta maneira para a constituição das comunidades, a sublimação seria o mecanismo que tornaria possível o desenvolvimento de atividades culturais superiores, tais como a arte, a ciência e a religião (FREUD, 1930[1929]:118)⁶.

Estas observações apresentadas em 1930, ainda que se desenvolvam no bojo de uma reflexão acerca da cultura, também encontram na metapsicologia seus

⁶ Não obstante esta ratificação do caráter positivo da sublimação para a organização subjetiva e também para esfera da sociedade, Freud (1930) volta a destacar as limitações da atividade sublimatória, como já assinalado em trabalhos anteriores (GARCIA, 1998). Neste sentido, apesar de se apresentar como uma técnica eficaz para afastar certo tipo de sofrimento, este mecanismo não asseguraria o alcance da felicidade, em primeiro lugar, porque não estaria amplamente disponível a todas as pessoas e, principalmente, porque sua intensidade seria muito ténue se comparada à satisfação sexual direta (FREUD, 1930: 98-99).

aportes fundamentais, mais especificamente no conceito de desamparo (GARCIA, 1998). Em última análise, pode-se dizer que a sugerida articulação entre sublimação e organização civilizatória se justifica a partir da postulação freudiana de uma condição de desamparo originária e inerente ao ser humano. A aproximação entre estes conceitos pode parecer pouco óbvia, uma vez que, enquanto a sublimação nos remete a uma atividade psíquica bastante sofisticada, o desamparo necessariamente se associa a aspectos mais primitivos da subjetividade (PEREIRA, 2000b:117). Contudo, de fato, estes dois elementos se encontram intimamente relacionados.

A idéia de um desamparo inicial assinalada por Freud faz referência a experiências muito precoces, nas quais o bebê nada pode fazer para aplacar o aumento das excitações causado por necessidades, ficando, portanto, desamparado e dependendo da ação de um cuidador (FREUD, 1926[1925]). Assim, em sua condição desamparada, o bebê tem no outro sua única possibilidade de alcançar a satisfação. Desta forma, é possível afirmar que “*o desamparo possibilita a constituição da dialética da alteridade: é essa situação inicial que abre, obrigatoriamente, a via do prazer para a existência do outro*” (PEREIRA, 2000b:120). Diante disso, a presença do outro passa a ser reconhecida em sua importância, precisando, assim, ser preservada, a fim de evitar o restabelecimento do estado de desamparo original.

Mesmo posteriormente, ao longo da existência, as vivências de desamparo são caracterizadas por situações em que se verifica um acréscimo do afluxo de excitações que chegam ao psiquismo e que não podem ser dominadas pelo sujeito, remetendo justamente às experiências iniciais de sua vida (FREUD, 1926[1925]). Neste sentido, portanto, o desamparo psíquico se configuraria como “*um símile natural [do] desamparo biológico*” (FREUD, 1926[1925]:162). O desamparo, assim, se confirma como uma condição inerente à humanidade, que ultrapassa ao período da infância, tangenciando toda a duração da vida. Estando vinculada às primeiras experiências de satisfação, nas quais a tensão interna provocada pela necessidade só pode ser aliviada pela intervenção de um cuidador (FREUD, 1950c[1895]), a condição de desamparo confirma, então, a importância da existência próxima do outro.

Neste contexto, a livre satisfação das moções pulsionais - sejam elas de origem agressiva ou mesmo amorosa - revela-se como uma concreta ameaça à existência do outro e, por esta razão, precisa ser renunciada. Assim, ao introduzir o sujeito na dialética da intersubjetividade, o desamparo impõe a necessidade de frustração dos objetivos iniciais da pulsão (PEREIRA, 2000b:121). É neste momento, então, que a sublimação se apresenta como um destino pulsional bastante favorável, uma vez que oferece uma via alternativa de satisfação da pulsão que não se constitui como uma ameaça ao objeto. Esta proposta confirma o que fora apresentado por Freud já desde 1905 (FREUD, 1905b), quando a sublimação foi destacada como um destino alternativo à livre manifestação das pulsões e ao recalque, além de ratificar também os fundamentos do texto de 1908, em que o mecanismo sublimatório é reconhecido em sua importância para a construção civilizatória (FREUD, 1908b) e, portanto, para a convivência com o outro.

Assim, frente à condição de desamparo, a construção da cultura se revela indispensável para a existência humana, tendo a sublimação um importante papel neste processo. Neste sentido, Garcia (1998) explicita:

Portanto, se o humano, imerso na condição de desamparo, só pode ser pensado no âmbito da cultura, por outro lado esta só pode ser entendida como produção sublimatória dos sujeitos, enquanto resposta singular de cada um frente aos impasses apresentados por sua condição primordial de desamparo, condição inevitavelmente social desde que para sua existência psíquica e sobrevivência física, o sujeito humano depende inexoravelmente e desde o início, do outro (GARCIA, 1998 :79).

Podemos observar, então, que em 1930 a sublimação se confirma como mecanismo que viabiliza a edificação da cultura e das comunidades humanas, assegurando a existência próxima do outro e, desta forma, se apresenta como um interessante mecanismo no confronto com a situação original de desamparo (GARCIA, 1998). Neste sentido, Garcia (1998) destaca que apesar de a vida civilizada impor inegáveis prejuízos aos sujeitos, “*ela também se constitui na resposta mais poderosa frente ao destino*” (GARCIA, 1998:81). A participação na mediação da relação com o outro e, conseqüentemente, na produção da cultura, amplia, assim, o caráter protetor que pode assumir a sublimação, especialmente no que diz respeito ao desamparo.

A partir disso, propomos agora examinar o contexto em que se desenvolve o trabalho atualmente, a fim de investigar como se dá a ação da sublimação nesta que é uma das áreas de destaque da sociedade contemporânea. Com base nas proposições da psicanálise acerca da sublimação e de sua articulação com o trabalho, no cenário atual o trabalho deveria se apresentar como uma atividade caracterizada por seu caráter assexual, por sua relevância social, bem como pela possibilidade de se constituir como uma forma de proteção aos sujeitos, inclusive, frente à condição de desamparo. Contudo, a experiência subjetiva do trabalho parece por em questão alguns destes pressupostos.